

CIDADE

PINR 1522

Brasília, segunda-feira,
23 de maio de 1994

VANDERLEI POZZEMBOM



VANDERLEI POZZEMBOM



30%

de seu orçamento é o que a Funai gasta para manter os índios em pensões na W3

A Funai trata os índios que chegam a Brasília diferenciadamente. Os "plebeus" são alojados na Casa do Índio (D), na 912 Norte. Os "nobres" se hospedam em pensões, na W3 Sul (E)

Os caciques preferem a W3 Sul

Funai gasta 21 mil URVs por mês para manter índios em pensão

Teresa Mello

Quando Brasília foi inaugurada, em 1960, o Plano Piloto se polarizava entre a Asa Sul, residência dos privilegiados funcionários públicos, e Asa Norte, abrigo dos servidores mais humildes. Passados 34 anos, a Fundação Nacional do Índio (Funai) continua fazendo essa distinção: aos nobres caciques, pagés e líderes, a Funai destina 30% de orçamento para instalá-los em duas pensões "privés" na 703 Sul. A plebe indígena, a Fundação reserva a Casa do Índio, uma espécie de maloca nos fundos da Associação dos Ex-Combatentes, na 912 Norte.

A distinção vem desde 1990. Nesta época, Getúlio José Valente recebeu mais de 30 índios numa de suas cinco pensões. Hoje, depois de dois calotes da Fundação, só mexe com homem branco. Já Vera Moretti tem até pôster do

Raoni, um de seus 25 hóspedes assíduos. E Arcanja Cordeiro aderiu total: casou com índio e há três anos capricha no cardápio, para atender 45 privilegiados. "Não recebemos qualquer um. Só os da liderança", confirma ela, que cobra 10 URVs pela diária.

A Funai insiste que não há discriminação. "Não existe privilégio. Se houvesse, os índios estariam num hotel", rebate Sérgio Carneiro Moscoso, presidente em exercício. Só que as diferenças entre as pensões e a Casa do Índio são gritantes, a começar pelos próprios hóspedes. Para as primeiras vai a aristocracia das tribos, representada por caciques, conselheiros, lideranças e até mesmo artistas plásticos. Enfim, só a nata da sociedade indígena, com direito a banho quente, talher, travesséis e comida farta.

Na Casa do Índio, a situação é

muito pior. Há 34 camas caindo aos pedaços para 95 pessoas. Umas só com o estrado, poucas com lençóis, e travesseiro é artigo de luxo. A refeição é devorada com as mãos e lembra lavagem para porcos. "Um dia, estava cheia de mosca varejeira", reclama Iraci de Oliveira, que veio de Botirama, na Bahia, para tratar do diabetes. Já idosa, quando ela precisa ir ao banheiro é um sofrimento. Primeiro, não há luz. A água fria sai de um cano, que serve de chuveiro. Privada não existe. As fossas obrigam os índios doentes a se agachar ou fazer as "necessidades" em pé mesmo. E eles não estão no matão, mas na capital federal. "A política da Funai é tratar mal o índio, para que ele demore o menos tempo possível em Brasília", garante o cacique Tuyá, da tribo dos Pataxó, hóspede, desde o fim de abril, da pensão da Arcanja. Ele tem cacife para isso.

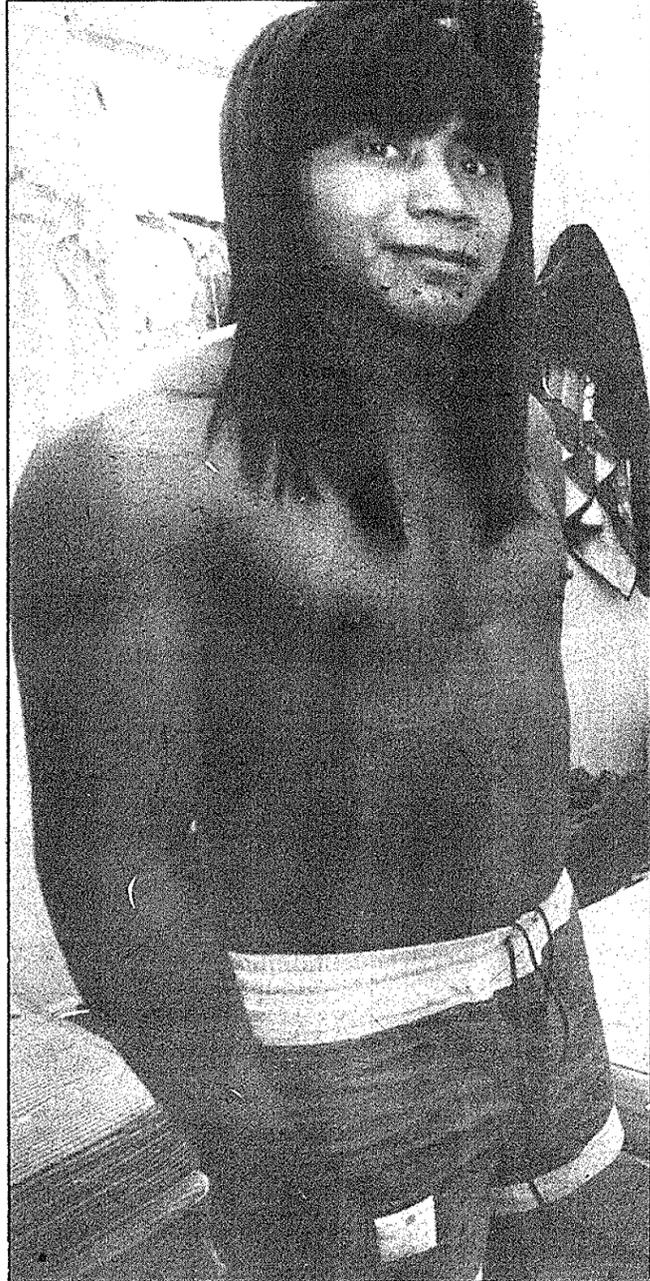
ÍNDIOS NOBRES E PLEBEUS

	Pensões	Casa do índio
Onde ficam	703 Sul	912 Norte
capacidade	70 leitos	34 leitos
quem usa	a elite	a plebe
diária	10 URVs	não tem
refeição	arroz, feijão, macarrão, carne e salada	grude de arroz, feijão e muxiba de carne
banho	chuveiro elétrico	bica
santário	privada	fossa
água	do filtro	do tanque

Família de Raoni mora em pensão

DF terá nova casa do índio

VANDERLEI POZZEMBOM



Tedje, 23 anos, é um dos cinco filhos de Raoni na pensão da W3 Sul

O neto de Abigail Peri está com tuberculose. Ela veio da aldeia xavante Sucuri, no Mato Grosso, com mais sete pessoas. Sua casa pegou fogo e Abigail tenta, desde fevereiro, ajuda da Funai. Está na Casa do Índio. O neto do cacique Raoni está gripado. Foi tratado em Goiânia e agora se restabelece na Pensão da Vera. Além do menino, lá estão hospedados a mulher de Raoni, cinco filhos, uma nora e dois netos. "Meu irmão também veio fazer tratamento aqui desde março", conta Tedje, 23 anos, filho de Raoni e pai do garoto doente.

Segundo o presidente da Funai, Sérgio Moscoso, a Fundação encaminha os doentes para a Casa do Índio, enquanto quem vem tratar de assuntos da comunidade vai para as pensões. O exemplo acima desmente as boas intenções. Um documento expedido pela Diretoria de Assistência autoriza a hospedagem na 703 Sul só em caráter excepcional. "A gente só utiliza a pensão quando a Casa está superlotada", diz Moscoso. Como a Casa do Índio tem 34 leitos para mais de 90 pessoas, ela está constantemente abarrotada.

Segunda-feira, três índios nem piscavam durante as aventuras de Indiana Jones, mostradas pela tevê. "Se deixar, eles ficam a noite inteira vendo televisão", diz Ivanilde Oliveira, funcionária da pensão da Arcanja. Lá está o conselheiro das lideranças xavante de Mato Grosso, Domingos Mahoneio. Veio há duas semanas tratar de assunto das comunidades. Não tem o que reclamar. "Estou muito satisfeito aqui na pensão". Ele dorme bem e come bem. No almoço de terça-feira havia arroz, feijão, macarrão, frango e salada à vontade, temperados com pimenta e muita farinha. Quem também aprecia a bóia da cozinheira Carleide da Silva é a família de Amati, vinda do Xingu. Artista plástico, ele trouxe cinco pessoas e seis quadros na bagagem. Quer fazer uma exposição em Brasília.

A Funai nada paga pela Casa do Índio. Vive em regime de comodato, com a Associação dos Ex-Combatentes desde 1985. Como o contrato vence em setembro, a instituição já faz planos ousados. "Queremos construir uma sede própria", diz o presidente Sérgio Moscoso. Para isso, o projeto, assinado pelo engenheiro Aquiles Viana Macedo, já teve a planta aprovada pelo GDF. São 1.720 m² de área construída, num terreno de 43 mil m², em Sobradinho.

Com capacidade para 80 leitos, a futura Casa vai atender apenas os casos de saúde. Ainda sem levantamento de custos, os recursos podem vir do GDF, Fundação Nacional de Saúde e Ministério da Justiça. Ano passado, do orçamento de CR\$ 62,7 milhões para o setor de obras e instalações, CR\$ 10 milhões foram destinados à reforma da atual Casa do Índio. Ficou só no papel, atravancada pela burocracia. "Problemas técnicos de licitação impediram a obra", explica Moscoso.

Enquanto isso, nada impede que a Funai banque o privilégio das pensões. Calculando-se a lotação máxima de 70 pessoas a 10 URVs por dia, chega-se a 21.000 URVs por mês. Algo em torno de CR\$ 35 milhões. A Fundação

prefere calcular por baixo. Segundo informações prestadas pela Diretoria de Assistência, através do assessor de imprensa Maurício de Carvalho Sampaio, são gastos, mensalmente, CR\$ 18 milhões. Mesmo assim, a mordomia tem um custo exorbitante: 30% do orçamento disponível para 1994. "Fizemos um orçamento de CR\$ 2,8 bilhões, mas só serão liberados CR\$ 718 milhões", informa Sampaio, enfatizando que esses valores são de abril.

Como o custo anual das pensões é de CR\$ 218 milhões, isto representa 30% do orçamento global da instituição, sobrecarregada com problemas de demarcação de terras, deficiência de pessoal, conflitos de índios com posseiros, epidemias, subnutrição e invasão missionária, sem falar em dramas sociais como o alcoolismo e o suicídio entre os índios.

Os donos das pensões reclamam que o pagamento costuma chegar com atraso. Vera Moretti, com casa 10 no bloco R da 703 Sul, conta que fica até três meses sem receber. Já sua concorrente Arcanja Cordeiro, com pensão no bloco G, casa 9, faz média. "A administração da Funai está muito boa. Nunca chego a receber com dois meses de atraso".

VANDERLEI POZZEMBOM



Amati trouxe 6 quadros do Xingu sônhando em fazer uma exposição